

## ARTIGO

---

# Terapeutas Populares ou Tradicionais e o cuidado com as pessoas e o Cerrado: ações de extensão

Popular or Traditional Therapists and care for people and the Cerrado: extension actions

---

Sílvia Maria Ferreira Guimarães<sup>[1]</sup>

Clarice Maués<sup>[2]</sup>

Clara Fonseca<sup>[3]</sup>

Julia Fonseca<sup>[4]</sup>

Welitânia Rocha<sup>[5]</sup>

Sirlene Passold<sup>[6]</sup>

Rosiene Santos<sup>[7]</sup>

---

[1] Universidade de Brasília/Professora associada

[2] Universidade de Brasília/Graduanda

[3] Universidade de Brasília/Mestranda

[4] Universidade de Brasília/graduanda

[5] Universidade de Brasília/Doutoranda

[6] Universidade de Brasília/Doutoranda

[7] Universidade de Brasília/Doutoranda

---

**RESUMO** A partir de uma aproximação com as comunidades da região da Chapada dos Veadeiros, esta ação de extensão pretende mapear e compreender os ofícios desenvolvidos pelos terapeutas populares ou tradicionais, buscando identificar suas práticas de cuidado que relacionam pessoas e o Cerrado; divulgar a importância desses ofícios em garantir uma vida plena nas comunidades; aprofundar o diálogo com a universidade com a possibilidade de fomentar diálogos inter-epistêmicos. Está baseado metodologicamente em rodas de conversas e ações voltadas para o fortalecimento dos conhecimentos tradicionais nas comunidades, tendo como base a construção conjunta de ações com a comunidade (mapeamento, acervo fotográfico, trocas de sementes e mudas).

**PALAVRAS-CHAVE:** conhecimentos tradicionais, Chapada dos Veadeiros, Cerrado, cuidado, extensão

**ABSTRACT** Based on an approach to communities in the Chapada dos Veadeiros region, this extension action aims to map and understand the jobs developed by popular or traditional therapists, seeking to identify their care practices that relate people and the Cerrado; publicize the importance of these jobs in ensuring a full life in communities; deepen dialogue with the university with the possibility of fostering inter-epistemic dialogues. It is methodologically based on conversation circles and actions aimed at strengthening traditional knowledge in communities, based on joint construction with the community (mapping, photographic collection, seed and seedling exchanges)

**KEYWORDS:** traditional knowledge, Chapada dos Veadeiros, Cerrado, care, extension

## INTRODUÇÃO

No bioma Cerrado, encontram-se em plena atividade raizeiras, raizeiros, parteiras, rezadeiras, benzedeadas, benzedores, entre outros, atuando junto a um universo de pessoas que não se satisfaz com a exclusividade dos modos de operação da biomedicina, isto é, com a medicina científica hegemônica. Este artigo discute ações do projeto de extensão denominado “Terapeutas Populares e o cuidado com as pessoas e o Cerrado” que acontecem com terapeutas populares ou tradicionais e que se estruturam no diálogo com essas especialistas em ofícios das medicinas tradicionais, isto é, as raizeiras, os raizeiros, as benzedeadas, os benzedores, as parteiras e outras cuidadoras, que atuam nas comunidades que compõem a região da Chapada dos Veadeiros. As terapeutas populares ou tradicionais são figuras centrais no cuidado com a vida plena das pessoas e ao mesmo tempo cuidam do bioma Cerrado, de onde retiram remédios e alimentos para o cuidado com a vida. São herdeiras de conhecimentos ancestrais, nos termos de Hampate Bâ (2010), dinamizando uma “tradição viva”, que se corporifica na terapeuta por onde fluem saberes ancestrais. Fazem parte da classe popular, trabalhadora, de áreas rurais ou peri-urbanas da região da Chapada dos Veadeiros. Enfatizar a centralidade dessas terapeutas no cuidado com a vida que engloba as pessoas e o Cerrado é reconhecer sua presença atuante na conservação do bioma e ao mesmo tempo complementando as ações dos serviços de saúde na região. Também são pensadoras atuantes que dinamizam saberes localizados, epistemes que conectam conhecimento sobre o Cerrado e o cuidado com as pessoas.

Essas pessoas estão especialmente envolvidas com manejo do Cerrado de forma sustentável com técnicas diversas que potencializam as relações com as plantas, águas, minerais e animais. As ações de extensão em tela pretendem enfatizar a importância das práticas e saberes criados por essas terapeutas nos processos de saúde-adoecimento, da produção de remédios e sua eficácia, do manejo das plantas do Cerrado e nos quintais. Também pretende mapear as redes de cuidado criadas por essas terapeutas em contexto popular como estratégias que englobam o cuidado com o Cerrado e as pessoas, e a transmissão desse conhecimento e suas técnicas.

As ações de extensão estão sendo desenvolvidas ao lado das terapeutas tradicionais ou populares do Cerrado, especialmente, mulheres idosas, o que leva este texto a privilegiar o gênero feminino na referência a essas pessoas. Em um primeiro momento, essas mulheres sentiram a atuação da vigilância sanitária e, atualmente, elas sentem pouco envolvimento e interesse de jovens das comunidades com esses saberes e práticas. Nesse sentido, fortalecer e compreender esse conhecimento e expandir sua rede de apoio configuram-se em elementos essenciais de atuação das ações de extensão. Observa-se que em algumas localidades esses saberes/práticas estão silenciados diante da pouca relevância que lhes são dados.

Compreender o ofício dessas terapeutas leva a tematizar e inserir outras formas de conhecer o mundo e fazer ciência dentro da academia, especialmente no diálogo inter-epistêmico tão rele-

vante na formação do corpo discente. Ampliar os horizontes para outras formas de conhecer é um ganho revolucionário para o fazer ciência na Universidade em suas atividades de ensino, pesquisa e extensão.

## DESENVOLVIMENTO

Em várias pesquisas e ações de extensão que este grupo<sup>[8]</sup> tem realizado no DF e a região integrada que envolve o Distrito Federal e municípios dos estados de Goiás e Minas Gerais, desde 2013, surgiram como elementos centrais a importância das terapeutas populares ou tradicionais: como herdeiras de saberes populares ou tradicionais, como produtoras de conhecimento sobre o Cerrado, como lideranças que articulam a rede dos Sistema Únicos de Saúde (SUS) no nível local, como tradutoras das políticas de saúde para as comunidades e como protagonistas no atendimento integral e eficaz, promovendo a saúde da população (FRANÇA, 2013; CAMPOS, 2013; ANJOS, 2013; MILITÃO, 2013; MÁXIMO, 2013; SILVA, 2013; CARDOSO, 2013; SOARES, 2013; MARECO, 2014; BRITO, 2014; FERREIRA, 2015; ALMEIDA, 2016; BARBOSA, 2016; SILVA, 2016; VASCONCELOS, 2016; 2 RIBEIRO, 2015; CARDOSO, 2017; MARECO, 2017; SILVA, 2017).

O “cuidado” é palavra/prática central no universo dessas terapeutas que atuam na construção de relações sustentáveis e prósperas, não apenas de sobrevivência ou instrumentais, tanto com as pessoas quanto com o Cerrado, revelando práticas de conservação do bioma e produção do bem viver. Dominam uma epistemologia sobre as matas, águas, animais e minerais do cerrado. Dinamizam saberes localizados que apresentam uma perspectiva de atuação nas escolas, nos serviços de saúde e ambientais.

As ações de extensão deste projeto estão especialmente centradas em atividades que visam, a partir de uma aproximação com as comunidades da região da Chapada dos Veadeiros, mapear e compreender as terapeutas e suas práticas de cuidado que relacionam pessoas e o Cerrado; divulgar a importância de seus ofícios em garantir uma vida plena para as comunidades e para o Cerrado; aprofundar o diálogo com a Universidade com a possibilidade de fomentar diálogos inter-epistêmicos.

Alguns conceitos e definições formam entendimentos centrais na construção do projeto de extensão. No Cerrado, os terapeutas populares configuram-se em pessoas centrais nas redes de cuidado localizadas, atuam como lideranças e tradutoras de processos de saúde-adoecimento, além de

---

[8] Este projeto de extensão teve início em 2013, na Faculdade da Ceilândia-UnB, sob a coordenação da professora Sílvia Guimarães e contou com a participação ativa dos estudantes do curso de Saúde Coletiva que construíram o projeto e campo de atuação. Atualmente, está sendo desenvolvido com a coordenação da professora no Departamento de Antropologia da UnB.

fazerem as conexões entre os tratamentos tradicionais e os da medicina hegemônica. Essa inserção dessas terapeutas em redes de cuidado e com especificidades revela dimensões importantes do processo de saúde-adoecimento-cuidado em classes populares. Nas redes que conectam centros urbanos e rurais do Cerrado, há diversos regimes de saberes e modos de viver localizados, constituindo o que Ibañez-Novión (2012) denominou de “sistemas de cuidados de saúde”. Esses são sistemas de significados simbólicos articulados por instituições sociais e modelos de interação pessoal específicos. Pode-se afirmar que esses sistemas se dinamizam por meio de redes sociais acionadas em contextos populares, reunindo familiares, vizinhos, colegas de trabalho, plantas, rios, remédios, alimentos etc. e conformam a base de itinerários terapêuticos. Nessas redes, as terapeutas populares ou tradicionais tecem dinâmicas, fazem e desfazem fios de relações e criam técnicas de cuidado.

Essas terapias populares conformam sistemas médicos no sentido discutido por Langdon (1994), quando afirma que estes são sistemas culturais baseados em redes de significados e práticas construídas por determinado grupo social em determinado tempo-espço. Segundo Langdon e Wiik (2010), “os sistemas médicos de atenção à saúde, assim como as respostas dadas às doenças, são sistemas culturais, consoantes com os grupos e as realidades sociais que os produzem”. Relacionando essa ideia de “sistemas médicos culturais” com o conceito “sistema de cuidados” de Ibañez-Novión citado acima, Silva & Guimarães (2020) define “sistemas médicos populares” – onde estão as terapeutas populares – como aqueles que conformam sistemas que articulam vários elementos, os quais não dizem respeito a um todo autocontido, mas que se expandem e se espraiam concatenando várias relações e conformando uma rede ampla que dinamiza e relaciona, efetivando trocas entre espaços e temporalidades diversas. Adentram outros sistemas médicos (hegemônicos ou não), criam e compartilham técnicas, corporificam palavras da tradição oral, lidam com a agência de plantas e objetos, recriam cantos e rezas, e manejam os biomas, dando configurações aos seus territórios.

Nesse sentido, os sistemas médicos populares ou tradicionais são produzidos localmente, lidam com dimensões subjetivas e dinamizam socialidades que criam pessoas e sentimentos de identidade e pertencimento. Aqui, contextos populares ou tradicionais de cuidado são definidos no plural, os quais são criados a partir de uma intrincada articulação entre subjetividades e socialidades articuladas por grupos sociais.

As terapias populares ou tradicionais são definidas como criadas em contexto popular, onde a classe trabalhadora se faz presentes e dinamiza conhecimentos e práticas que são formulados por coletivos e repassados entre pessoas, vinculando-se ao bioma que habita e a dimensões espirituais (GUIMARÃES, 2017). Nesse sentido, essas pessoas relacionam valores, práticas e agências de sujeitos que compartilham entre si noções sobre técnicas, corpo, adoecimento, saúde, cuidado e cura. Além disso, vinculam-se ao bioma, às matas, rios, minerais e animais onde e com os quais criam relações de cuidado.

Essas terapeutas populares ou tradicionais dominam saberes e fazeres que, de acordo com Loyola (1978), não são reconhecidos muitas vezes pela medicina oficial, ou biomedicina (ciência acadêmica), o que faz suas ações serem mediadas por relações de força. Nesse sentido, esses saberes constroem-se nos centros urbanos e meio rural, em seus territórios, buscando diálogo com várias epistemes, mas muitas vezes são ignorados pelas ciências hegemônicas. No entanto, segundo Carneiro da Cunha (2009), ambos os saberes, os tradicionais e o científico são formas/modos de conhecer, entender e agir sobre o mundo. São obras abertas, inacabadas, se fazendo constantemente e legítimos para seus praticantes e usuários. Contudo, observa-se na atuação da ciência acadêmica, a imposição de um saber/modo de conhecimento hegemônico, o qual se afirma como verdade absoluta, que não aceita outras formas de conhecimento. Apresenta-se como única e se define no singular. Por sua vez, os saberes populares ou tradicionais são modos de conhecimento locais, ou melhor, são criados por diversos coletivos e, portanto, são entendidos no plural. Há tantos regimes de conhecimento popular ou tradicionais quanto existem grupos sociais. É necessário discutir como outros sistemas médicos, mesmo sendo inseridos nessa relação de força com a ciência acadêmica que os coloca numa situação de inferioridade, são utilizados e operam em complementaridade para os sujeitos.

Além das ciências acadêmicas hegemônicas, outras frentes silenciam esses conhecimentos. Este projeto de extensão levantou, por meio dos diálogos estabelecidos com as terapeutas, que ações de igrejas, da vigilância sanitária e de projetos desenvolvimentistas (agroindústrias) ignoram ou buscam silenciar esses saberes tradicionais. Por sua vez, o turismo surge como possibilidade de fomentar e apoiar essas terapeutas tradicionais, quando conta com a agência dessas guardiãs dos conhecimentos tradicionais e seus coletivos na construção de ações de turismo.

Outra perspectiva desse projeto de extensão está em estabelecer este diálogo e apresentar às estudantes da Universidade de Brasília o campo da extensão e temas para as salas de aula. Percebe-se aí uma inovação e potência criativa para se pensar caminhos científicos e extensionistas enraizados no contexto de produção de conhecimento popular e tradicional, marca da diversidade e possibilidades de inovação do pensar e fazer na academia, no Brasil.

O contexto dos ofícios populares ou tradicionais dialoga com diversas ciências acadêmicas, como as Ciências Sociais, Pedagogia, Geografia e Biologia, locais temáticos onde se insere a equipe de extensão - professora e estudantes. E complementa a discussão sobre temas voltados para socio-cosmologia, cultura, epistemologia, biologia, saúde, meio ambiente e direitos humanos. No campo de ensino, as ações se revelam com potencial de criar frutos e raízes com uma perspectiva pedagógica que visa explorar a diversidade de modos de viver, criar, ensinar e fazer ciências (epistemologias não-acadêmicas), que acreditamos que deveriam ser base das ciências acadêmicas por se conectarem com esses saberes tradicionais. No campo da pesquisa, abre possibilidades de questionamentos críticos, criação de hipóteses que se referem a vida dessas terapeutas e de suas

comunidades, sensíveis aos problemas sociais em que estão inseridos. No campo da extensão, atua em novas pedagogias dentro da universidade além de atuar ao lado das comunidades buscando fortalecer conhecimentos tradicionais que fomentam a biodiversidade e ações de cuidado locais.

A temática deste projeto de extensão está estruturalmente inserida na formação do cientista social, biólogo, geógrafo e pedagogo – áreas de formação das estudantes do projeto. E, na construção da extensão nos currículos de graduação, percebe-se a centralidade desta ação nos diálogos de saberes que é central no lócus da inserção curricular da extensão. Também converge com as discussões no curso de Pós-Graduação em Antropologia Social, onde a docente e algumas estudantes vinculados a este projeto atuam, sabendo que o campo da Antropologia, em linhas gerais, é um campo de investigação que tem por objeto o mundo social, criação humana complexa e marcada pela diversidade social e simbólica e a dinamização de epistemologias diversas, que deve atuar na defesa dos direitos humanos e justiça social.

Este projeto de extensão está inserido com as temáticas do Grupo de Pesquisa do CNPq Sociabilidades, Diferenças e Desigualdade, e com o Laboratório Matula, vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia da UnB. Também se relaciona com o Projeto de pesquisa intitulado: Práticas e saberes populares na saúde: contextos de criação e produção de conhecimento.

Ao focar nos saberes localizados, nas criações epistemológicas de terapeutas populares ou tradicionais, que se referem ao cuidado com as pessoas e o Cerrado, estamos tensionando uma linha de diálogo e formação, baseada no encontro de saberes. Ao mesmo tempo, ao atuar nas comunidades busca fortalecer essas ciências tradicionais, criando estratégias de fomentar e enfatizar a importância desses saberes na preservação do Cerrado e da vida das pessoas.

## **CAMINHO METODOLÓGICO DA EXTENSÃO E CRIAÇÃO DE AMBIÊNCIAS DIALÓGICAS**

O cenário das ações de extensão em tela é o município de Alto Paraíso de Goiás, local onde este projeto de extensão se insere no Polo de Extensão da Chapada dos Veadeiros, um dos pontos da Rede dos Polos de Extensão da Universidade de Brasília. Também, contamos com ações nas comunidades quilombolas do município de Cavalcante, quilombo Kalunga e São Domingos, vizinho ao município de Alto Paraíso.

Alto Paraíso é atualmente a cidade mais turística da Chapada dos Veadeiros. Desde a década de 1970-80 a dinâmica do local vem mudando devido a chegada de pessoas ligadas ao movimento Rumo ao Sol, inspiradas pela contracultura, pelo movimento hippie e por uma perspectiva esotérica. Os “alternativos”, como são chamados pelos moradores locais, são influenciados por filosofias

ecológicas e são responsáveis por diversas ações junto aos terapeutas populares. A partir dessa chegada, Alto Paraíso se torna um ponto de encontro e de referência para pessoas que buscam experiências espirituais e místicas com base na contracultura.

Essa onda de imigrações, junto à implantação do PNCV, fomentou o turismo ecológico na região, sendo hoje a principal fonte de renda do município. Porém, devido a esse crescimento desordenado da cidade, muitos moradores locais tiveram que se mudar para áreas periféricas ou rurais, mas ainda assim é possível encontrar parteiras, benzedeiros/ores e raizeiros/os próximos ao centro da cidade, evidenciando interações entre as práticas tradicionais e o avanço da modernização. Como afirma Saraiva (2006), a região possui uma dinâmica complexa com diversos atores sociais e coletivos com interesses que vão desde o ativismo ambiental, ações econômicas, passando por comunidades tradicionais e suas necessidades de reconhecimento e garantia de direitos.

A cerca de 12 quilômetros de Alto Paraíso está localizado o Povoado do Moinho, uma comunidade quilombola que Attuch (2006) define como “fruto do encontro histórico de famílias de brancos latifundiários, índios, descendentes de quilombos e famílias sertanejas do Nordeste goiano, bem como de estados vizinhos, como a Bahia.” (ATTUCH, 2006: 49). É onde vivia Dona Flor, uma importante parteira e raizeira, reconhecida como mestra pela comunidade, que possuía uma trajetória de vida significativa junto ao município, principalmente por ter atuado como agente de saúde durante alguns anos e por ter realizado mais de 300 partos na região. Essa região ainda conta com outras raizeiras e raizeiros que são interlocutores dessas ações de extensão.

Por sua vez, a Vila de São Jorge, localizada a 37 quilômetros de Alto Paraíso, é onde fica o único portal de entrada para o Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros e onde são realizados os principais eventos culturais e turísticos da região. A Vila de São Jorge foi fundada a partir de diversas imigrações para o trabalho nos garimpos de cristais dessa grande área que hoje faz parte do Parque. Saraiva (2006) expõe que a ocupação da região data desde o início do século XX, sendo a memória do garimpo ainda muito presente entre os mais velhos.

As metodologias que estão sendo usadas nas ações de extensão estão baseadas em dinâmicas interativas com as terapeutas populares, o que permitirá contar a história do Cerrado e do cuidado com a comunidade assim como a formação dessas grandes cientistas populares na sua interação com o Cerrado e no cuidado com as pessoas.

Em um primeiro momento, foram realizadas reuniões de apresentação do projeto e ocorreram participações das extensionistas nos eventos organizados pela comunidade relativo ao tema dos saberes tradicionais. Com essa inserção inicial, buscou-se atores sociais centrais, parceiras e interlocutoras, com quem se pretende manter o diálogo. Essas interlocutoras são terapeutas e lideranças comunitárias importantes nas comunidades da região da Chapada dos Veadeiros (quilombo do Moinho, Vila de São Jorge e cidade de Alto Paraíso). O encontro com essas lideranças e tera-

peutas, moradores da região que aceitaram contribuir com o trabalho aconteceu principalmente por meio da indicação de outras pessoas, configurando a estratégia de “bola de neve”, que tem nos levado a uma rede ampla de interações. Ao todo são cinco lideranças centrais envolvidas no trabalho, que estão nos abrindo redes de interação mais amplas.

As reuniões iniciais permitiram ouvir as inquietações e formas mais efetivas de se inserir na vida da comunidade. Essas reuniões estão baseadas em “rodas de conversa” que criam, a partir de um desenho metodológico, ambiências singulares. As rodas de conversas constituem-se em uma metodologia utilizada nos processos de ações comunitárias, voltadas para fomentar debates acerca de uma temática, criando espaços de diálogo, nos quais as pessoas possam se expressar e, sobretudo, escutar os outros e a si mesmos (NASCIMENTO e SILVA, 2009). Tem como principal objetivo motivar a construção da autonomia das pessoas por meio da problematização, da socialização de saberes e da reflexão voltada para a ação. Envolve, portanto, um conjunto de trocas de experiências, conversas, discussão e divulgação de conhecimentos entre as envolvidas nesta metodologia (GUIMARÃES ET AL 2015).

Ao longo do ano de 2023, as extensionistas estiveram em três eventos ao lado de raizeiras da região da Chapada dos Veadeiros, onde foram realizadas oficinas e rodas de conversas.

Os encontros que participaram, os quais desencadearam oficinas e rodas de conversa, foram:

- Encontro Raízes – Grande Encontro de Raizeiras, Parteiras, Benzedadeiras e Pajés, realizado em maio de 2023, quando acompanharam três raizeiras - uma quilombola do Cedro, do município de Mineiros/GO, uma raizeira da região metropolitana da BH/MG e uma raizeira da cidade de Goiás - e dois raizeiros da região da Chapada dos Veadeiros;
- Encontro de Culturas Tradicionais, realizado em julho de 2023;
- Encontro e Feira dos Povos do Cerrado, realizado em setembro de 2023, onde as extensionista organizaram uma roda de conversa com 4 raizeiras. Essa roda de conversa fez emergir possíveis perspectivas de ações voltadas para os conhecimentos tradicionais.

Ao mesmo tempo, estão sendo mantidas reuniões mais próximas com as raizeiras, quando estão sendo tematizadas linhas de ação da extensão, perspectivas de garantir maior reconhecimento desses saberes tradicionais.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Entendidos como saberes e fazeres que foram repassados por gerações que incluem novos aprendizados, mas que contam com a marca do saber/fazer em conjunto e fluindo pela oralidade, as rodas de conversa, oficinas e reuniões individualizadas têm se revelado como pontes de diálogo centrais na aproximação com essas mulheres.

As rodas de conversa ainda estão acontecendo, pois as ações de extensão ainda estão em processo de construção. A cada roda de conversa, novas ideias surgem e, para tais conhecimentos tradicionais, não é possível delimitar um fim, mas sim uma dinâmica baseada em um tempo cíclico, que o faz contínuo e a todo momento criando novas linhas de ações.

Dessas rodas de conversas, surgiram algumas ideias para atuação do grupo de extensão. Uma dessas é a iniciativa de mapear “quintais do conhecimento”, entendidos como locais onde se potencializam a tradição viva, por meio de conhecimento sobre plantas que curam e alimentam, promovendo a saúde. O foco central para as ações dos “quintais do conhecimento” será a Vila de São Jorge, onde se irá dialogar com mulheres que mantêm quintas onde plantam, cultivam e dali retiram alimentos e remédios caseiros. Desses quintais emergem histórias de vida e de cuidado.

Também surgiu outra iniciativa que é produzir um mapa identificando os locais onde estão esses quintais e suas cuidadoras, visando potencializar uma rede de turismo que valorize esses saberes. Também planeja-se construir uma horta ou ervanário comunitário. As ideias estão ainda em andamento e discussão nos encontros que está sendo fomentado.

Observou-se nas conversas iniciais mantidas nas comunidades, como Vila de São Jorge, no município de Alto Paraíso (GO), que as interlocutoras se mostram preocupadas por não verem tais práticas de cuidado acontecendo. Por sua vez, nos quilombos Kalunga e São Domingos (GO), as interlocutoras argumentaram que sentem falta de apoio dos governos em apoiá-las. No entanto, quando se problematizou a importância dos quintais na vida das pessoas mais antigas das comunidades, foram levantadas questões que se referem a esses como locais onde estão plantas que se tornam remédios caseiros ou alimentos que curam ou previnem adoecimentos. A comunidade de São Jorge, absorvida pelo turismo e atuando em outras dimensões para com o turismo, deixou de perceber que os quintais das casas estão plenos de conhecimentos e sabedorias da medicina tradicional e que podem estar inseridos no turismo local. Encontrou-se na ideia de “quintais do conhecimento” um campo de atuação e, também, de discussão sobre a importância da medicina tradicional feita nos quintais e no Cerrado para com o cuidado com as pessoas. No caso do turismo, essas mulheres, especialmente as quilombolas, têm enfatizado a importância de serem agentes nas ações de turismo que envolvam os saberes tradicionais, pois há relatos de danos que pessoas que atuam como intermediários causam. Entre esses prejuízos estão: não receber o

devido pelo trabalho realizado; não ter o reconhecimento dos produtos que produzem; uso abusivo e usurpação do conhecimento tradicional; construção de projetos turísticos que não contemplam o coletivo.

Para o contexto do aprendizado inter-espistêmico, relacionando as estudantes com as herdeiras dos saberes tradicionais, está sendo importante dialogar e participar de encontros e eventos coletivos promovidos por essas terapeutas, quando o jogo político local se faz presente e as tensões e potencialidades desses encontros se apresentam. Também, o diálogo com essas pessoas tem permitido se abrir para outras formas de conhecimento, legítimas e implicadas com questões como justiça social e ambiental. Vale enfatizar que essas estudantes estão em interação com pessoas que atuam na preservação do bioma Cerrado que tem sido tão atacado ao longo do tempo, substituído por monoculturas e uso abusivo de agrotóxicos. Ofícios tradicionais como o de raizeiras estão sendo ameaçados com a destruição do bioma, pois esses ofícios se fazem no Cerrado, que é a fonte de conhecimento para este saber/fazer.

## CONCLUSÃO

Como foi mencionado as ações do projeto de extensão “Terapeutas Populares e o cuidado com a pessoa e o Cerrado” foi marcado desde o início por uma perspectiva dialógica e construção em conjunto com as terapeutas tradicionais e lideranças comunitárias. As ações encontram-se em fluxo, ainda acontecendo e se abrindo para novas perspectivas, seguindo a fluir das palavras das herdeiras dos saberes tradicionais. Elemento central nessas ações está a valorização dos saberes tradicionais encontrados na região além de trabalhar com propostas que possam se relacionar com o turismo, o que permitirá somar em ações que já desenvolvem. Outro ponto importante do projeto se relaciona com a interação das estudantes da UnB com as mestras de saberes tradicionais, que as envolvem em um espaço de aprendizagem, quando observam questões referentes a justiça ambiental e garantia de direitos, além de reconhecimento pelo fato de serem guardiãs de saberes ancestrais no Brasil. Pretende-se manter as ações de extensão e seguir as trilhas dessas terapeutas tradicionais em suas ações inventivas em busca de justiça e respeito.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANJOS, Thalita Gomes dos. 2013. **A benção terapêutica: vivência de um campo relacional**. Trabalho de Conclusão de Curso, Graduação em Saúde Coletiva, Universidade de Brasília.

ATTUCH, Iara M. **Conhecimentos tradicionais do Cerrado: sobre a memória de Dona Flor, raizeira e parteira**. Dissertação (mestrado em Antropologia Social). Departamento de Antropologia, Universidade de Brasília. Brasília. 2006.

CAMPOS, Tamara Correira Alves. 2013. **Conhecimento Popular de Dona Flor, raizeira e parteira: efetivando a perspectiva integralizadora do cuidado ao sujeito**. Trabalho de Conclusão de Curso. Graduação em Saúde Coletiva, Universidade de Brasília.

CARDOSO, Ítala Lopes. 2013. **O Saber-Fazer de parteiras populares no entorno do DF**. 2012. Trabalho de Conclusão de Curso. Graduação em Saúde Coletiva, Universidade de Brasília.

CARDOSO, I. 2017. **Entre narrativas biográficas: a vida de diaristas no trabalho doméstico**. Dissertação (Mestrado em Pós-Graduação. em Ciências e Tecnologias em Saúde) - Universidade de Brasília.

CARNEIRO DA CUNHA, M. 2009. “Relações e dissensões entre saberes tradicionais e saber científico”. In: **Cultura com aspas e outros ensaios**. SP: Cosac & Naify.

GUIMARÃES, S.; ROSA, J. C. S. ; VASCONCELOS, J. P. R. ; ANDRADE, F. R. Por entre sociabilidades diversas: experiências de um projeto de extensão na saúde indígena. **Participação**, v. 27, p. 27-35, 2015.

GUIMARÃES, S. Olhares diversos sobre pessoas e corporalidades: os saberes e as práticas de terapeutas populares na região do DF e do entorno. In: SILVA, C & GUIMARÃES, S. **Antropologia e Saúde: diálogos indisciplinados**. Juiz de Fora: Editora UFJF. 2017.

HAMPATÉ BÂ, Amadou. 2010. “A tradição viva”. In KI-ZERBO, Joseph (ed.). **História Geral da África, I: metodologia e pré-história da África**. Brasília: UNESCO. pp. 167-212.

IBÁÑEZ- NOVIÓN, M. Os profissionais de saúde de formação tradicional no norte de Minas Gerais. In: FLEISCHER, S. SAUTCHUK, C. **Anatomias Populares: a antropologia médica de Martín Alberto Ibanéz-Novión**. Brasília, Ed. UnB, 2012.

LANGDON, Jean. 1994. “Representações de Doença e Itinerário Terapêutico dos Siona da Amazônia Colombiana”. In: SANTOS, Ricardo V.; COIMBRA JR., Carlos E. A. (orgs.). **Saúde e povos indígenas**. Rio de Janeiro: Fiocruz.

LANGDON, E. J.; WIJK, F. B.. Anthropology, health and illness: an introduction to the concept of culture applied to the health sciences. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, v. 18, n. 3, p. 459–466, maio 2010.

LOYOLA, M. A. 1978. “Medicina Popular”. In GUIMARÃES, R. (Org.). **Saúde e medicina no Brasil**. Rio de Janeiro: GRAAL, 1978, pp. 225-250.

MARECO, T. 2014. **Acionando a terapia popular no círculo familiar na região de Ceilândia e Taguatinga (DF)**. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Saúde Coletiva) - Universidade de Brasília.

MARECO, T. 2017. **Gênero e cuidado no ambiente familiar**. Dissertação (Mestrado em Pós-Graduação em Ciências e Tecnologias em Saúde) – Universidade de Brasília.

MÁXIMO, M. **Por entre espaços e temporalidades: corpo, memória e história de vida de uma benzedeira**, Monografia de graduação do curso de Saúde Coletiva, UnB, Brasília, 2013.

MILITÃO, Lorena. 2013. **O ato de partear compondo uma história de vida**. Trabalho de Conclusão de Curso. Graduação em Saúde Coletiva, Universidade de Brasília.

NASCIMENTO, M. A.; SILVA, C. Rodas de conversas e oficinas temáticas: experiências metodológicas de ensino-aprendizagem em geografia. In: **10º Encontro Nacional de Prática de Ensino em Geografia**, Porto Alegre, ago. – set., 2009.

PEREIRA, Luiz Nonato de Santana. **O ofício de raizeira: As construções sociais a partir das práticas tradicionais de saúde**. Monografia de Antropologia – Instituto de Ciências Sociais Departamento de Antropologia, Universidade de Brasília. Brasília, São Paulo, p. 55, 2020.

SARAIVA, Regina Coelly F. **Tradição e sustentabilidade: um estudo dos saberes tradicionais do cerrado na Chapada dos Veadeiros**, Vila São Jorge-GO. Tese de Doutorado. Centro de Desenvolvimento Sustentável – CDS/UnB, Brasília, 2006

VASCONCELOS, J. P. 2016. **A Saúde de Catadores/catadoras de materiais recicláveis**. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Ciências e Tecnologias de Saúde, FCEUnB.